

A diferenciação dos espaços econômicos e a conformação de especificidades regionais na elite política mineira entre os séculos XVIII e XIX

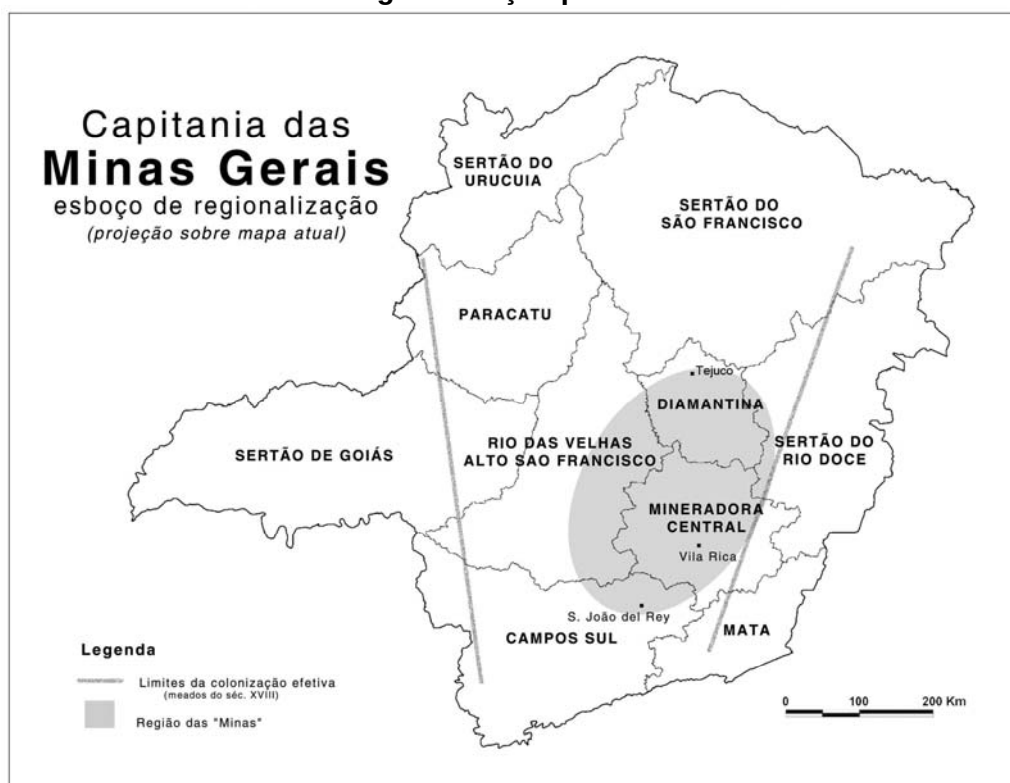
Alexandre Mendes Cunhaⁱ

Algo fundamental à compreensão do passado, ou do presente, de Minas Gerais é sem dúvida sua diversidade regional. Trata-se de aspecto marcado em mais de uma imagem literária e facilmente perceptível na paisagem social, cultural ou econômica do território, asseverando sempre que Minas não é uma, são ao menos várias. Com base nessa perspectiva de leitura, dois aspectos inter-relacionados serão abordados neste breve texto, com vistas a compreender essa diversidade regional no encontro com a esfera da ação política à primeira metade do século XIX: primeiro as tramas gerais da formação do espaço mineiro no século XVIII e dos mecanismos de progressiva diferenciação de dinâmicas econômicas até o século XIX; e na sequência uma consideração acerca da diversidade regional na paisagem do poder político local na primeira metade do século XIX.

Um sentido geral é o que organiza a argumentação aqui sublinhada acerca da dinâmica econômico-espacial de Minas no período. Trata-se da percepção de um processo de formação de precoce base urbana, que viria ela própria a ser a responsável pela produção do espaço rural, em sentido oposto ou que se processou em outras partes da América portuguesa. Do urbano como força primeira da dinâmica econômica no século XVIII passar-se-ia progressivamente para uma conjuntura em que o rural viria a ocupar essa posição, já claramente apresentada nas primeiras décadas do século XIX. Tal processo não se daria com o mesmo andamento em todas as partes do território, sendo que uma dimensão fundamental a ser anotada é justamente a diferenciação paulatina do território a partir do núcleo central das minas, respondendo a especificidades produtivas, de organização da base econômica, dos caminhos e nisto dos fluxos, da paisagem natural, e de outras mais particularidades que vão compondo o desenho regional. De forma geral, insiste-se aqui que se processou uma ruralização do território mineiro na virada do século XVIII para o XIX, o que à primeira vista é contrário às evidências recentes da urbanização mineira do período, no sentido estrito do aumento de núcleos citadinos. Defende-se

especialmente que a leitura específica da dimensão urbana impõe um tratamento acurado dos termos, em particular quanto à diferenciação de determinados conceitos que por vezes são simplesmente superpostos nos trabalhos, tais como “urbano”, “urbanização”, “citadino”, “rede de cidades”, entre outros mais. Da mesma forma também as relações entre urbano e rural, e a leitura de um movimento no sentido da ruralização, carecem de qualificação adensada, o que não é viável para o escopo do presente texto, mas que vai desdobrado em outros de meus trabalhos anteriores. Vale acrescentar que o tema da ruralização mineira na virada do século — resultado direto das transformações econômicas em curso desde meados do Dezoito e mesmo a despeito de verificar-se um certo aumento do número de arraiais e vilarejos fundados no período — qualifica um debate sobremaneira importante à historiografia de Minas, que não foi mais do que levemente tocado pelo conjunto dos autores do Dezoito e Dezenove das Minas.

MAPA 1: Regionalização para o século XVIII



A idéia geral aqui apresentada é que Minas Gerais, por conta de sua formação econômico-social peculiar, vivência o “urbano” antes do “rural”, e ao contrário do caminho freqüente dessa diferenciação espacial ao longo da história, tem o “rural” como um resultado

do “urbano”, e não o contrário. Esta trajetória particular não é mais que aventada por alguns autores, e ainda assim exclusivamente no campo da história econômica, ainda que tenha, não obstante, marcas claras e fundas na constituição social, da cultura, assim como na conformação e articulação da política e das tramas do poder em Minas. Essa linha argumentativa, que põe em destaque a dinâmica urbano-rural, oferece bases importantes para a compreensão do desenho econômico das Minas na primeira metade do século XIX, e neste sentido se articula à historiografia que desde a década de 1980 vem reformulando as interpretações do período, suprimindo a leitura da irrestrita decadência econômica após o que se chamou de “ciclo do ouro”, e aprofundando a análise, entre outros mais aspectos, do mercado interno da província.ⁱⁱ A percepção da diversidade e dos contrastes que marcam os espaços econômicos das Minas no Dezenove, viriam a se constituir em um dos pontos mais marcados pela historiografia recente da dinâmica política na província mineira, todavia ainda verifica-se um relativo vazio no que diz respeito à intercessão das questões econômicas e políticas e, conseqüentemente, tem-se pouco ou quase nada escrito em relação a uma efetiva caracterização de conjunto desses agentes políticos, econômicos e sociais nas regiões distintas de Minas no período, ponto fundamental para o adensamento da compreensão da diversidade de projetos políticos, estratégias de ação, etc. As evidências que são apresentadas aqui servem a uma primeira aproximação desse objetivo de qualificação ampla da elite política provincial.

Analisar como a segunda metade do Dezoito demarca a matriz dessa diferenciação que se faz visível no Dezenove a partir da rearticulação das centralidades da economia mineradora não pode ser simplesmente retroceder o recorte no mapa para um tempo anterior. Trata-se na verdade, de distinguir um processo de “enraizamento” e “adensamento” de interesses econômicos desde o Dezoito, mobilizando espaços distintos da capitania na dinâmica de um mercado interno em formação, sendo que é isto que caracteriza a complexificação das relações econômicas, que ainda que catalisado, não é de todo determinado pelo arrefecimento da economia do ouro e dos diamantes. Este tipo de análise possibilita a identificação desse processo, essencialmente dinâmico, de diferenciação

espacial e regionalização como situado ainda no século XVIII das Minas, tal qual se esboça no **MAPA 1**. Destaque-se ainda, que a dimensão central desses processos espaciais concerne à própria forma da complexificação da economia mineira, o que destaca as transformações processadas entre o urbano e o rural. O urbano seria assim responsável, a partir das centralidades criadas no século XVIII, por deflagrar ou no mínimo acentuar a especialização das atividades econômica, e nisto a diferenciação espacial. A ruralização, por sua vez, não seria resultado somente do desenvolvimento do campo com relativa autonomização de circuitos de realização econômica, mas também, de uma relação nova e específica com os espaços citadinos intermediários que ao começo do Dezenove expandem seu número nas áreas mais dinâmicas da economia de base agropecuária, cumprindo funções de entrepostos, centro de serviços e articulando a teia econômica. Núcleos citadinos em expansão, rede de cidades adensando-se, mas, no entanto, sem representar um reforço de um processo urbano de produção coletiva e social do espaço, bem como sem reforçar a própria vida urbana nesses núcleos, uma vez que, como acentuam os viajantes que percorrem Minas no começo do Dezenove, em sua grande maioria esses muitos vilarejos do período só adquirem vida nos finais de semana, sendo quase de todo abandonados nos outros dias.ⁱⁱⁱ Ou seja, o tema da ruralização na virada para o Dezenove não pode ser entendido nem como uma continuação do desenvolvimento do campo por conta da agricultura e pecuária, já em evidência na primeira metade do Dezoito; tampouco, como algo apartado da urbanização. Trata-se sim, de um processo espacial complexo, fruto da própria complexificação da base econômica, produzindo novas relações de centralidade, e neste imbricamento de urbano e rural, abrindo espaço para se pensar de novas formas e com outros pressupostos, certos processos sociais e políticos em curso nas Minas desse tempo.

O exercício no qual me concentrarei agora é o de oferecer algumas evidências sobre o cenário político mineiro em suas especificidades regionais na primeira metade do século XIX. Para tanto serão utilizadas algumas informações de conjunto recortadas de banco de dados mais amplo, ainda em desenvolvimento,^{iv} mas que já são suficientes para uma

apreensão de elementos superpostos à dinâmica econômica acima discutida. O ponto de partida é identificar a disposição de eleitores e votantes no interior território a partir das melhores listagens disponíveis e buscar algumas comparações em pontos diferentes do tempo. Os dados da eleição da 2ª Junta do Governo Provisório e 1822 são os primeiros a se prestarem a este tipo de exercício. Proveitosa comparação pode ser estabelecida com os dados dos votantes qualificados para toda a província, relativos ao ano de 1842. Para efeito de comparação no **QUADRO 1** estão dispostos os dados de 1842 agregados com base na divisão de comarcas válida em 1822. Analisando primeiro os dados de 1822, logo se deve anotar é a forte participação da comarca do Rio das Mortes (49% dos eleitores), no eixo sul do território, qualificando as questões primordiais reforçadas na historiografia tanto econômica quanto política acerca da crescente importância desta porção da província na primeira metade do Dezenove.

QUADRO 1: Eleitores/votantes por comarca

Comarca	1822		1842	
	nº	%	nº	%
Ouro Preto	47	18,9%	8556	21,0%
Rio das Velhas	41	16,5%	6068	14,9%
Rio das Mortes	122	49,0%	19052	46,7%
Serro Frio	36	14,5%	5966	14,6%
Paracatu	3	1,2%	1168	2,9%
Total	249	100%	40810	100%

Fontes: *RAPM* e Relatórios dos Presidentes da Província de Minas Gerais

QUADRO 2: População entre 1776 e 1835

Comarca	População					
	1776 [**]	%	c.1820	%	1835	%
Ouro Preto	78.618	23,00	71.796	13,02	84.376	12,14
Rio das Velhas*	99.576	29,13	142.840	25,91	189.785	27,32
Serro Frio	80.894	23,66	99.919	18,12	106.112	15,27
Rio das Mortes	82.781	24,21	236.819	42,95	314.495	45,27
Total	341.869	100	551.374	100	694.768	100

*inclui para efeito de comparação valores referentes à comarca de Paracatu

** valores ajustados por Laird W. Bergad

Fontes: *RAPM*, Ouro Preto (II, vol. 3), 1897, p. 511.; Raimundo José da Cunha MATOS, *Corografia...*, vol.1, pp. 89-216 e Maria do Carmo Salazar MARTINS, "Revisitando a província...", pp. 22-9; Laird W. BERGAD, *Slavery and the Demographic...*, pp.230-7.

A comparação com os dados populacionais apresentados no **QUADRO 2** ajuda a qualificar algumas tendências. O crescimento da comarca do Rio das Mortes das últimas décadas do século XVIII para as primeiras do século XIX deve ser lido em comparação ao decréscimo na participação relativa da comarca de Ouro Preto. Todavia, é imprescindível perceber que a importância política da comarca de Ouro Preto vai permanecer, dada a centralidade burocrática e administrativa ancorada em sua base urbana desde o Dezoito, reforçando mesmo um contexto em que sua participação na distribuição demográfica vai ser inferior à sua participação política.^v Destino diferente terá a comarca do Rio das Velhas que mesmo mantendo população vai perdendo progressivamente representatividade econômica, como se pode marcar em outras análises, e especialmente política no conjunto da província,

tal qual evidenciam os dados de participação nos processos eleitorais. A comarca do Serro Frio teria o quadro mais estável, tanto na comparação com a dinâmica demográfica quanto na comparação entre os dados da distribuição de eleitores de 1822 e de votantes de 1842, o que pode ser atribuído à manutenção da centralidade urbana da cidade do Serro, e também de Diamantina, na primeira metade do Dezenove, continuando processo típico do Dezoito na dinâmica urbano-rural. A mesma comparação (entre 1822 e 1842) para as demais comarcas revela o crescimento da participação de Ouro Preto, especialmente por conta da área que em 1842 já pertence à comarca do Paraibuna e que vai traduzindo a importância já crescente da Zona da Mata mineira; assim como a perda de importância da comarca do Rio das Velhas que vai aprofundando a incongruência entre a participação populacional e política. Com base em dados de números de fogos de cada comarca disponíveis também para 1842 é possível perceber que esta comarca detém a menor representatividade da razão votantes/fogos (0,21) em comparação com as demais, sendo os valores mais destacados o da comarca do Paraibuna (0,39) e da do Rio das Mortes (0,35). É ocioso lembrar que é justamente o dado comparativo entre população (ou nº de fogos) e a participação eleitoral que evidencia tanto a dinâmica econômica, uma vez que o voto é censitário, quanto, por outro lado, a força política de determinado espaço.

Para completar a análise, é possível aprofundar um pouco mais com base nos dados da estrutura ocupacional desses votantes para alguns dos núcleos de particular interesse, com base em dados de listagens referentes ao ano de 1847, cuidadosamente separados para se perceber essencialmente o espaço urbano de cada cidade analisada. Comparando São João Del Rei, Ouro Preto, Serro e Diamantina, ficam patentes algumas questões que podem ser assim sumariadas: Ouro Preto, como se vê no **QUADRO 3** tem concentrado no comércio (30%) e nos artífices (25,3) a maior parte de seus votantes em 1847, isto traduz, juntamente com os 19,4% de funcionários públicos e/ou militares, traços da centralidade urbana construída no XVIII por conta do ouro e traduzida em termos econômicos na densa estrutura de serviços que faz destacar a cidade no Dezenove adentro, assim como na estrutura administrativa própria da sede do poder. O pequeno percentual de votantes

envolvidos com a agropecuária (5,8%) é a contraparte disto, tanto no que diz respeito à cidade quanto ao seu entorno. São João Del Rei (**QUADRO 4**) oferece cenário em que também comércio (23,7%) e artífices (36,7%) respondem pela maior parte das ocupações. As considerações são análogas a Ouro Preto no que diz respeito à centralidade construída no Dezoito e desdobrada no Dezenove, sendo São João centro fundamental ainda em meados do século XIX para todo o sul de Minas; todavia não se vê peso similar a Ouro Preto nos ofícios públicos, por um lado, e, por outro, vê-se participação significativa de indivíduos que se declaram proprietários ou lavradores (18,3%) e que residem no espaço da vila. Dado de relevância é que comparando as duas cidades o comércio é ainda mais freqüente entre os votantes na primeira, mas se mais detalhadamente analisado o que se verifica é que na segunda é composto essencialmente por negociantes (92% dos indivíduos do setor comércio em São João contra 60% em Ouro Preto) e não por outras designações o que sugere de alguma forma o porte dessa atividade no contexto citadino. Diamantina (**QUADRO 5**), por sua vez tem na mineração (51,4%) o setor com maior destaque, acompanhado de significativa presença do comércio (21,6%) e dos artífices (12,2%), mas de reduzidíssima presença de indivíduos ligados à agropecuária entre os votantes (0,7%), o que em termos gerais traduz um quadro emblemático aos núcleos mineradores do século XVIII, exatamente por conta da atividade se fazer dinâmica na cidade ainda àquele momento, marcando claramente as ligações entre uma dinâmica econômica e social urbana e a mineração. Serro, finalmente, como se vê no **QUADRO 6** tem 53,5% dos votantes que residem no espaço da vila, mesmo nos fogos mais ao interior do núcleo urbano, envolvidos com a agropecuária, o que indica, ao que parece, a residência urbana de proprietários dispersos pelo interior da comarca, o que bem qualifica outra situação típica do século XVIII, que diz respeito à manutenção do urbano como espaço de representação, o que ao sul da província já não representava dimensão central, uma vez que o rural vai ganhando certa autonomia neste sentido. Anote-se ainda o percentual ainda significativo de envolvidos com o comércio (16,5%), assim como de artífices (16,5), o que constitui indício de centralidade do núcleo no espaço regional.

QUADRO 3: Ouro Preto (votantes em 1847)

Setor ocupacional	Idade média	Observações	% do Total
Agropecuária	46	46	5,8
Artífices	39	201	25,3
Comércio	41	238	30,0
Funcionalismo público e Militares	40	154	19,4
Mineração	46	31	3,9
Profissionais liberais	53	13	1,6
Religiosos	45	21	2,6
Outros	46	68	8,6
Sem Informação	44	22	2,8
Total	41	794	100

Fontes: APM, SPPP 1/11, caixas 17, 19 e 41.

QUADRO 4: São João (votantes em 1847)

Setor ocupacional	Idade média	Observações	% do Total
Agropecuária	46	100	18,3
Artífices	41	200	36,7
Comércio	44	129	23,7
Funcionalismo público e Militares	47	29	5,3
Mineração	43	2	0,4
Profissionais liberais	53	10	1,8
Religiosos	49	14	2,6
Outros	45	56	10,3
Sem Informação	58	5	0,9
Total	44	545	100

Fontes: APM, SPPP 1/11, caixas 17, 19 e 41.

QUADRO 5: Diamantina (votantes em 1847)

Setor ocupacional	Idade média	Observações	% do Total
Agropecuária	41	5	0,7
Artífices	42	87	12,2
Comércio	38	154	21,6
Funcionalismo público e Militares	41	48	6,7
Mineração	40	366	51,4
Profissionais liberais	47	9	1,3
Religiosos	64	8	1,1
Outros	51	33	4,6
Sem Informação	57	2	0,3
Total	41	712	100

Fontes: APM, SPPP 1/11, caixas 17, 19 e 41.

QUADRO 6: Serro (votantes em 1847)

Setor ocupacional	Idade média	Observações	% do Total
Agropecuária	42	401	53,5
Artífices	41	140	18,7
Comércio	41	124	16,5
Funcionalismo público e Militares	40	16	2,1
Mineração	39	36	4,8
Profissionais liberais	42	10	1,3
Religiosos	49	7	0,9
Outros	40	13	1,7
Sem Informação	59	3	0,4
Total	42	750	100

Fontes: APM, SPPP 1/11, caixas 17, 19 e 41.

O espaço restrito e o escopo logo de saída definido para esta comunicação não permitiram fazer mais aqui do que qualificar certas especificidades regionais no plano político, vistas de forma articulada a questões econômico-espaciais. Em contribuições futuras, não obstante, o tema encontrará mais alentado desenvolvimento, inclusive no que diz respeito às suas implicações ao discurso, às idéias, e à ação política nesse desenho regionalizado das Minas do período.

ⁱ Pesquisador do Núcleo de Pesquisas em História Econômica e Demográfica do Cedeplar/UFMG e Doutorando em História pelo PPGH da UFF. Agradeço a João Bosco Moura Tonucci Filho (Bolsista PIBIC/CNPq do NPHED do Cedeplar/UFMG) pelo auxílio no processamento dos dados.

ⁱⁱ Ver especialmente, em linha de análise que destaca o peso do comércio intraprovincial: Clotilde Andrade PAIVA, *População e economia nas Minas Gerais do Século XIX*, São Paulo, FFLCH/USP, 1996 (Tese de doutorado em História).

ⁱⁱⁱ Auguste de Saint-Hilaire, com a autoridade de quem percorreu quase todas as regiões das Minas, em pontos diversos de seus relatos considera sobre o reduzido número de pessoas que residiam nas localidades de menor porte durante a semana, o que constitui um claro indicio da força do processo de ruralização que marca o território na primeira metade do começo do Dezenove. Passando pelo julgado de Araxá em 1819 comenta: “Durante a semana a maioria das casas de Araxá fica fechada. Seus donos só ali aparecem aos domingos, para assistirem à missa, passando o resto do tempo em suas fazendas. Só permanecem nas cidades, nos dias de semana, os artesãos —alguns dos quais bastante habilidosos— as pessoas sem profissão, alguns comerciantes e as prostitutas. O que acabo de dizer aqui pode ser aplicado praticamente a todos os arraiais da Província de Minas.” [Auguste de SAINT-HILAIRE, *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974, p.130.]

^{iv} O banco de dados referido vem sendo desenvolvido, sob minha coordenação, junto ao NPHED do Cedeplar/UFMG, com o apoio da FAPEMIG, constituindo-se em parte fundamental de minha tese de doutorado, atualmente em curso junto ao PPGH da UFF, sob orientação do Prof. Luciano Raposo de Almeida Figueiredo

^v Ver especialmente: Mario Marcos Sampaio RODARTE, *O caso das Minas que não se esgotaram: a pertinência do antigo núcleo central minerador na expansão da malha urbana da Minas Gerais Oitocentista*, Belo Horizonte, CEDEPLAR/UFMG, 1999. (Dissertação de Mestrado em Economia).